

## AS POSSIBILIDADES E DESAFIOS DO LETRAMENTO HIPERDIGITAL NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO ESCOLAR

Elson M. da Silva  
Universidade Estadual de Goiás  
Doutorando em Educação na UNB  
Comunicação livre  
Cultura e Processos Educacionais

Os estudos sobre a influência do letramento hiperdigital na organização do trabalho pedagógico escolar ainda apresentam-se como um campo de investigação científica incipiente e, assim, propenso a muitos debates teórico-metodológicos. Com base nisto, o presente trabalho, de cunho qualitativo, é fruto da realização de dois projetos de pesquisa envolvendo a temática letramento digital e visa debater em que medida o letramento hiperdigital pode ser considerado como aliado no processo de aprendizagem dos alunos bem como também suscitar os desafios que são colocados á escola, em especial aos professores, como o surgimento deste novo tipo de linguagem. Para a efetivação das reflexões teóricas nos apoiamos, principalmente, em COSCARELLI & RIBEIRO (2005), LÉVY (1999), SANTAELLA (2008). Esperamos contribuir na formação dos professores no sentido de emergir reflexões críticas sobre o letramento hiperdigital escolar.

Palavras-chave: letramento-hipertexto-digital

No Brasil, até há pouco tempo as preocupações políticas e pedagógicas dos setores educacionais em relação ás práticas de leitura e de escrita voltavam-se praticamente para o âmbito da alfabetização, no sentido de os alunos codificarem e decodificarem textos diversos na cultura do papel. A partir da década de 1980 e ainda privilegiando apenas a cultura do papel surge, então, o fenômeno letramento inserindo um novo olhar sobre a relação entre sujeitos em situações escolares e constituição das práticas de escrita e leitura em contextos sociais e culturais específicos (Kleiman, 1995). No entanto e com a massificação do uso das mídias digitais, principalmente da *Internet*, muitos estudiosos, especialmente das áreas Educacional e Lingüística, passaram a fazer uma releitura do conceito de letramento, dando origem, assim, ao termo letramento digital (Coscarelli e Ribeiro, 2005). No entanto, parece-nos que o termo letramento digital é amplamente designado para analisar bem como compreender as constituições de leitura e escrita em vários suportes digitais, tais como: televisão digital, celular, teleconferência, lousa digital e *Internet*. Como o presente estudo enfoca as práticas de escrita de aluno especificamente na *Internet*, vamos utilizar, aqui, o termo letramento hiperdigital para analisar como os sujeitos em situações escolares escrevem na *Internet*.

Entretanto, numa tentativa de caracterizar melhor o termo letramento hiperdigital cuja discussão é apresentada no penúltimo item deste trabalho, apresentamos também discussões teóricas sobre letramento e letramento digital.

Entendemos que o presente estudo é considerado relevante no sentido de que nele são apresentadas, dentre outras, reflexões e inquietações teóricas e metodológicas, que envolvem a problemática do letramento digital na educação, podendo, assim, contribuir para a melhoria da prática pedagógica dos educadores que atuam na educação.

### Histórico do Letramento no Brasil

No Brasil, o termo letramento integra o discurso de especialistas das áreas de Educação e de Lingüística desde a década de 1980. Foi na segunda metade do século passado, mais especificamente em 1986, que o termo letramento surgiu no cenário educacional brasileiro. A partir das duas últimas décadas do século passado, a maneira de pensar em relação à leitura e à escrita vem-se transformando enormemente. Estudiosos têm mudado suas visões no que se refere à linguagem e ela passa a ser vista como um processo dinâmico em contextos significativos da atividade social em todos os seus aspectos, sejam eles familiares, comunitários, profissionais, religiosos etc.

Um dos avanços consideráveis, atualmente, é, talvez, o uso da denominação letramento, (que muitos teóricos postulam ser sinônimo de alfabetização) em suas diferentes concepções.

Soares (1998, 35) afirma que a denominação letramento é uma versão, em português, da palavra inglesa “literacy”. Palavra essa que quer dizer pessoa educada, especialmente capaz de ler e escrever (“educated; especially able to read and write”). Ainda segundo a autora, o termo começou a ser utilizado, no Brasil, por especialistas das áreas de educação e das ciências linguísticas a partir da publicação das obras de Kato (1986), Tfouni (1999) e Kleiman (1995), contribuindo mais ainda com discussões e reflexões teóricas e metodológicas acerca do fenômeno letramento. Tfouni (1999) afirma que os estudos sobre letramento devem procurar examinar não somente as pessoas que adquiriram a tecnologia do ler e escrever, portanto “alfabetizadas”, como também aquelas que não adquiriram essa tecnologia, sendo elas consideradas “analfabetas”. Já Kleiman (1995, 81) define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Ainda segundo a autora, os estudos que contemplam a dimensão do letramento surgem no âmbito acadêmico na tentativa, por parte de alguns estudiosos, de separar os estudos sobre alfabetização dos estudos que examinam os impactos sociais dos usos da escrita.

A partir do final da década de 1990, o fenômeno letramento, até então considerado no sentido singular da palavra, apresenta uma evolução em termos de conceito, e alguns estudiosos da área começam a apresentar algumas discussões preliminares sobre o letramento na perspectiva digital.

Assim sendo, entendemos que o momento atual parece dar-nos a oportunidade de repensarmos o conceito de letramento, só que no sentido plural da palavra, ou seja, letramentos. Defendemos esta tese em função de estarmos vivendo, atualmente, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas, também, pela Internet (letramento digital). Em suma, até há pouco tempo, falávamos em letramento no sentido de práticas e eventos sociais de leitura e de escrita na cultura do papel. Com a introdução e difusão ampla da Internet em nossa sociedade, estamos tendo a oportunidade de revisarmos o conceito de letramento no sentido de compreendermos melhor as práticas e os eventos sociais de leitura e de escrita na cultura digital ou cibercultura.

A educação, inevitavelmente, começa a sentir os impactos da influência do letramento digital no ambiente escolar. Neste sentido, teóricos e estudiosos apontam para a necessidade da educação integrar o ensino como uma totalidade, estabelecendo redes de conexões entre indivíduos que dela fazem parte, entre métodos e técnicas pedagógicas propostas, as avaliações, os fins a que se propõem, as formas de gestão, e, principalmente, uma grande conexão do próprio indivíduo consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Começa-se, então, um repensar na função e organização da

educação frente a um novo paradigma educacional baseado na introdução de uma nova linguagem digital, denominado, aqui, de letramento digital.

## **O Letramento na Era Digital: Letramento Digital**

Estamos vivendo, em nossa sociedade, a introdução e a disseminação de novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita propiciadas, principalmente, pela presença da *Internet*. Há pouco tempo conhecíamos apenas o termo letramento concebido enquanto sistemática de práticas e eventos sociais de usos diversos de leitura e de escrita na cultura do papel (KLEIMAN, 1995). Mas, com a utilização massiva da *Internet* em nosso cotidiano, surge uma nova forma de linguagem, denominada de letramento digital.

Neste sentido, Coscarelli & Ribeiro (2005, p9) afirmam que “... o letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital”. Podemos, assim, considerar o termo letramento digital como conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem das práticas letradas mediadas por computadores utilizando, principalmente, os recursos disponibilizados pela *Internet*. O termo letramento, no sentido da cultura do papel, é considerado como “... estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita...” (Soares 2002, p. 47) e continua etimologicamente ligado à ideia de letra e de escrita. No campo da cultura digital, o termo letramento é ampliado e define-se, de maneira especial pela mesma autora, como “... um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita do papel” (Soares, 2002, p.151). Neste sentido e, parafraseando Soares, o letramento digital refere-se à questão das práticas de leitura/escrita possibilitadas pelo computador e também pela *Internet*. Também, o letramento digital (Buzato, 2003) define-se como um conjunto de conhecimentos que permite às pessoas participarem das práticas letradas mediadas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo. Assim, o letramento digital é mais que o conhecimento técnico relacionado ao uso do computador, ou seja, o uso de teclados, das interfaces gráficas e dos programas de computador. A linguagem digital inclui, ainda, a habilidade para construir sentido a partir de textos multimodais, isto é, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície. Inclui, também, a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletrônica e digitalmente. E ainda exige da pessoa certa familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através do computador, entre outras coisas. Já para Lévy (1999, p.17), o letramento digital está relacionado a um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Ainda para Lévy, as práticas de letramento digital só são possíveis em função da presença do hipertexto na *Internet*. Assim, e ainda segundo Lévy (1993), o hipertexto:

...é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (p.33).

Entretanto, antes do surgimento da *Internet*, já existiam outros artefatos tecnológicos, tais como o livro e o Memex, que possibilitavam leitura não-linear e não sequencial, estas últimas características marcantes do hipertexto digital. A tecnologia da informação e da comunicação, entretanto, proporcionou maior velocidade de acesso e um volume infinitamente maior de documentos disponíveis à sociedade. Dessa forma, com o surgimento do hipertexto digital, criou-se uma nova maneira de leitura e escrita de documentos, onde o leitor participa ativamente da redação e edição do documento que lê, podendo traçar caminhos nunca antes imaginados pelo autor, conectando uma infinidade de documentos, como se estivesse criando um novo documento hipertexto a partir dessas associações.

Para (SILVA, 2003), o letramento digital propõe novas exigências como, por exemplo, a emergência de gêneros de discurso e formas de materialidade linguística inovadoras. A *Internet* é, em especial, um tipo de comunicação mediada por computadores, em suas modalidades síncronas (bate-papos) e assíncronas (fóruns, lista de discussão, correio eletrônico), que tem permitido o exercício da linguagem de forma diferenciada. Ferramentas para a produção escrita (editores de texto, de páginas *web*, de histórias em quadrinhos) e para comunicação a distância (bate-papo, ICQ e correio eletrônico) inauguram novas condições de produção de discurso, integrando elementos originais ao que hoje denominamos leitura e escrita digitais.

### **Letramento Hiperdigital: Conceitos e Características**

As práticas de escrita na Internet (letramento hiperdigital), como colocam Freitas (2004) e Soares (2002), nos induzem a refletir sobre a concepção de escrita e as influências que este novo espaço do letramento vem acarretando à relação professor-aluno. A escrita no meio cibernético, considerada escrita de última geração, coloca questões que nos levam a repensar a função do letramento e a considerar modos heterogêneos de sua construção. Essa reflexão obriga-nos a rever antigas categorias educacionais como a da linguagem. Para Bakhtin (1981) e Vygotsky (1998) a linguagem exerce papel fundamental no pensamento humano e ela é concebida como um meio pela qual as pessoas dão sentido as coisas, bem como é, através dela, que o homem se constrói enquanto sujeito histórico e cultural. Assim, é através da linguagem que o indivíduo organiza sua vida mental; e esta se estabelece como elemento essencial na constituição da consciência e do indivíduo.

Neste sentido, o hipertexto digital considerado na perspectiva do letramento toma o sentido de linguagem e passa a possuir enorme relevância nas práticas digitais on-line, já que são estabelecidas várias interações sociais. Os estudos que envolvem as idéias de Vygotsky e Bakhtin influenciaram profundamente outros estudos que procuram explicar a relação do homem com a máquina, principalmente nos períodos denominados industriais e pós-industriais.

No âmbito do letramento hiperdigital, estudos relativos à linguagem passam a ser vistos como forma de situar os participantes da interação escolar no ambiente em que estão atuando. Igualmente, este novo enfoque de linguagem passa a ser considerado um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento de uma nova forma de conceber e usar a escrita digital, mais centrada no aluno, que passa a ser construtor ativo de seu processo de produção hipertextual.

Lévy (1999) defende a tese de que a compreensão das características que particularizam os usos diversos da escrita na Internet certamente demanda uma reflexão

sobre as diferentes maneiras pelas quais, historicamente, os avanços tecnológicos promoveram alterações na estrutura lingüística e nos modos de interação via linguagem escrita, privilegiados em diferentes épocas e contextos. Para o autor é necessário entendermos de uma forma mais aprofundada as mudanças de ordens técnicas e lingüísticas que ancoraram a construção social de diferentes tipos de cultura: a escrita impressa (tradicional) e a escrita eletrônica (letramento digital).

Considerando as práticas de letramento é possível percebermos uma evolução que vai desde a dependência total na modalidade oral, que caracterizava a recepção dos textos escritos mais antigos, até uma segunda fase intermediária na qual a recepção da escrita passa a se ancorar mais no aspecto visual do texto. Nesse momento, a escrita passa a desenvolver características próprias, mas não ocorre, ao contrário do que propõem algumas teorias mais tradicionais, uma ruptura drástica entre as práticas orais e as escritas, mesmo se considerarmos como referência de análise os grupos letrados. Estes grupos, embora tenham passado a depender cada vez mais da escrita nas práticas cotidianas, não excluíram dessas práticas o uso da modalidade oral. Na realidade, mesmo em contextos mais formais, o que ocorreu foi uma complexa integração onde textos orais e escritos passaram a conviver de uma forma complementar e muitas vezes mista.

Neste sentido, o contexto cibernético não só permite que a escrita ocupe espaços antes reservados para as interações impressas, como também viabiliza a existência de um novo tipo de texto, o hipertexto, que é híbrido na constituição dos fatos lingüísticos, ou seja, incorpora aspectos letrados de diferentes recursos como fotografia, som e vídeo.

Segundo Bolter (1991), essas mudanças ocorreram devido a uma série de inovações tecnológicas que foram sendo agregadas, mudando de forma gradativa não só o suporte da escrita como também o perfil lingüístico dessa escrita. Na escrita cibernética, voltamos a ter a construção de um texto que se apresenta na tela como uma grande faixa que se expande no sentido vertical, mas cuja construção deixa de ser linear como era no rolo ou na escrita convencional. O hipertexto digital pressupõe uma expansão em rede. Esse novo tipo de texto incorpora elementos de navegação eletrônica que facilitam a localização de trechos escritos de uma forma muito mais eficiente do que aquela permitida pelo texto no papel. A transição de um tipo de suporte para outro colocam professor e aluno frente a um objeto novo que não só lhe permitem novos tipos de interação e pensamento como também demanda técnicas de letramento até então inéditas para eles.

É interessante ressaltar que essas mudanças estão também atreladas a uma alteração na característica da linguagem escrita privilegiada por diferentes suportes. São muitos os usuários de hipertextos que estabelecem entre si códigos escritos a fim de se comunicarem mais rápido e eficazmente, como é o caso do *chat* e do *e-mail*.

### **Práticas de Letramento Hiperdigital em Sala de Aula: O Estudo de Caso**

Para realização do trabalho empírico desta pesquisa, realizamos observações das aulas ocorridas no laboratório de informática e, também, realizamos entrevistas através de questionário fechados a alunos e a professores da segunda fase do Ensino Fundamental de uma escola pública de Anápolis – GO.

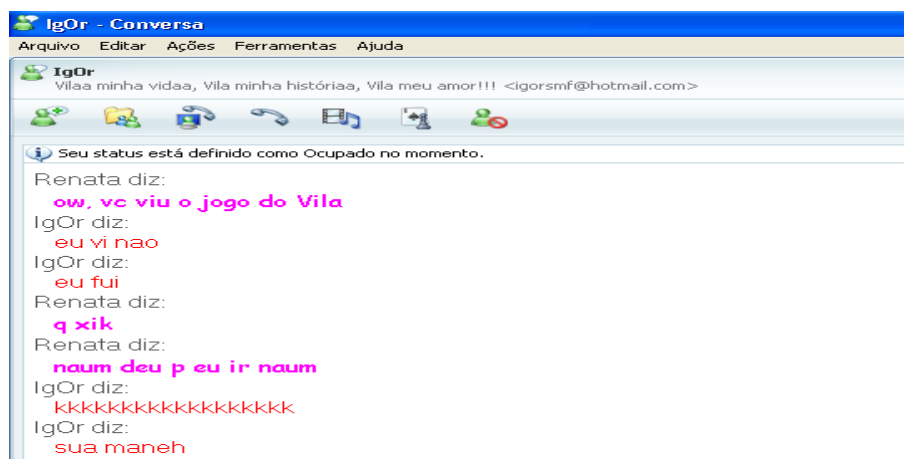
Os alunos foram observados durante as aulas de Informática que são ministradas uma vez por semana e têm como objetivo a complementação dos conteúdos trabalhados

em sala, sendo que este processo é efetivado através de projetos específicos desenvolvidos pela professora de Informática.

Durante a observação, verificamos que os alunos apresentam total habilidade para manusearem o computador, além de acessarem com facilidade *sites* e demais funções da *Internet*.

Ao analisarmos um “bate-papo” entre os dois alunos, verificamos que eles apropriam-se e fazem usos exagerados de abreviações e códigos, provenientes da linguagem digital. Ou seja: abreviaturas e recursos gráficos ocupam lugar da escrita “tradicional”. Também gírias, onomatopéias e letras estilizadas com formas gráficas definidas parecem ganhar sentido em textos minuciosamente produzidos na tela do computador.

O letramento hiperdigital, de fato, parece possuir características bem específicas em relação ao letramento padrão, pelo menos do ponto de vista da grafia, como podemos verificar nas produções escritas apresentadas abaixo, situação de diálogo *on-line* entre dois alunos, Igor (13 anos) e Renata (11 anos).



A figura acima, caracterizada como diálogo entre dois adolescentes e extraída do gênero digital *Messenger*, é um bom exemplo de como as práticas de letramento hiperdigital principalmente de adolescentes se constituem específicas em relação a outros tipos de linguagem escrita. Assim, o termo “ow”, produzido por Renata para se comunicar com Igor, é utilizado por ela como uma estratégia linguística que expressa entonação com certo apelo emocional, apesar desta escrita digital não estar seguida do ponto de exclamação (!) como normatizam as regras gramaticais da Língua Portuguesa no Brasil. Também, em relação à palavra “ow”, presente no diálogo em questão, ela é utilizada para substituir o nome do receptor da mensagem que, no caso aqui analisado, é o adolescente Igor. Nesta mesma frase produzida por Renata, chama-nos também atenção a junção das letras “v” e “c” que, na representação linguística dos adolescentes tem o sentido de pronome pessoal “você”. Neste sentido e, talvez com a finalidade de agilizar o diálogo digital, muitas pessoas acabam reduzindo e abreviando palavras quando fazem usos dos gêneros digitais presentes na cibercultura. Assim, palavras que estão dicionarizadas em Língua Portuguesa como: “beijos”, “abraços”, “valeu” e “que” são substituídas em muitos ambientes digitais por usuários por: “bjs”, “abcs”, “vlu” e “q”. No entanto, é importante lembrar que abreviações de palavras que constituem o vocabulário português no Brasil não é uma característica específica das práticas de letramento hiperdigital pois, historicamente falando, o próprio Português reconhecido oficialmente passa por profundas transformações, inclusive com redução de palavras

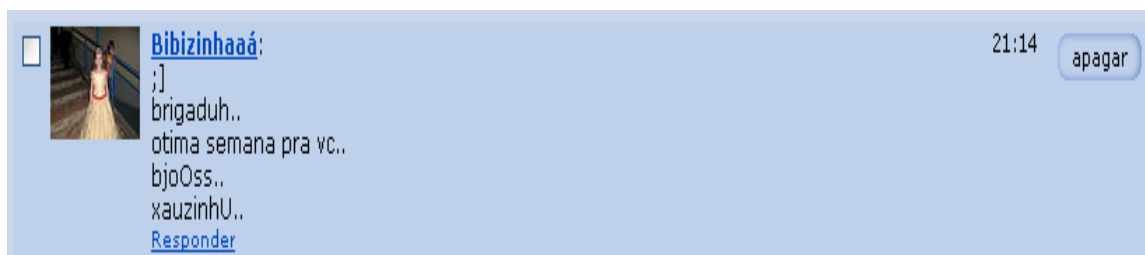
como é o caso do pronome pessoal “você” que, em épocas diferentes da história do Brasil, estava dicionarizada como “vossemecê” e, mais à frente, como “vosmecê”.

As práticas de letramento hiperdigital vêm preocupando muitos estudiosos das áreas da Educação e da Linguística, principalmente em relação a palavras e frases que não seguem, na maioria das vezes, os padrões oficiais da Língua Portuguesa no Brasil. Em muitos gêneros digitais como *Orkut*, *Messenger*, *Blog* e *E-mail*, é muito comum nos depararmos com produções escritas caracterizadas como “fora dos padrões linguísticos oficialmente aceitos”. Com base nisto, percebemos que, no diálogo digital entre os dois adolescentes colaboradores deste estudo, a escrita digital apresentada por eles é acompanhada de “falhas” relacionadas à concordância verbal e a outras regras gramaticais, que não seriam aceitas, segundo as convenções oficiais da Língua Portuguesa no Brasil. Ainda, na análise do diálogo *on-line*, os adolescentes parecem não se preocupar com estes aspectos, pois procuram encurtar ao máximo as suas “falas”.

Na frase digital “*eu vi não*”, presente no diálogo em questão e produzida no Messenger por Igor, parece caracterizar-se um momento em que o letramento hiperdigital não segue normas da “língua padrão”, pois a ordem desta oração se caracterizaria como “incorreta”, uma vez que ela não está estruturada graficamente segundo as normas gramaticais oficiais (*eu não vi*). Também a palavra “não” é utilizada sem o acento gramatical, o que evidencia, mais uma vez, a não adequação da escrita digital do aluno às convenções gramaticais da Língua Portuguesa do Brasil.

Nos diálogos ocorridos em gêneros digitais, como já mencionamos neste texto, é muito comum os usuários da *Internet* produzirem palavras abreviadas, mas que, do ponto de vista da comunicação, parecem surtir os efeitos esperados pelos seus interlocutores. Na expressão “*q xik*”, escrita por Renata, vemos que a letra “*q*” é uma forma abreviada de se escrever “que”, e as letras “*x*” e “*k*” correspondem respectivamente às letras “*ch*” e “*que*”. No caso da palavra “*naum*”, as letras “*um*” substituem o acento til (~), o que parece facilitar a escrita mais rápida, assim como no caso de *maneh*, a letra “*h*” substitui o mecanismo que deveria ser usado para se colocar o acento agudo. Além disso, temos, como última análise a letra “*k*” que, se utilizada repetidas vezes, representa uma gargalhada, caso esta letra seja utilizada somente uma vez, já não representa o mesmo significado.

Outro exemplo do uso de abreviações e símbolos típicos da escrita digital será apresentado a seguir, através de um *scrap* (recado) retirado do *orkut*, um *site* de relacionamento.

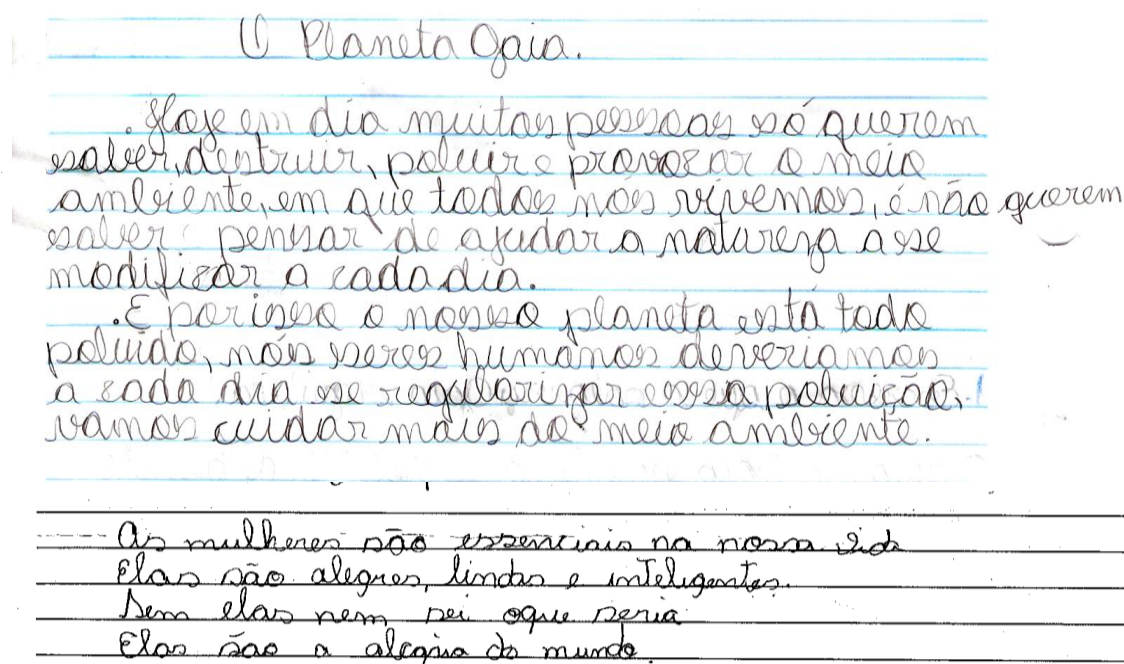


O símbolo “*:]*” representa o rosto de alguém com uma expressão facial (piscar de olhos e um sorriso). A palavra “*brigaduh*”, apesar de apresentar a mesma quantidade de letras de “*obrigado*”, possui características da escrita on-line, como a retirada do “*o*” no início da palavra e a troca da letra “*o*” final pelas letras “*uh*”.

Analisando a palavra “*bjoOss*”, ao mesmo tempo em que se retiraram algumas letras como o ditongo “*ei*”, foram acrescentadas mais letras “*s*” no final e colocado o

“o” maiúsculo para enfatizar o beijo. O “*xauzinhU*” também é uma forma de dar uma nova roupagem a uma palavra que representa a despedida ou a finalização do recado.

Diferentemente da escrita digital, considerada neste trabalho como letramento hiperdigital, ao avaliarmos as produções textuais, frutos do letramento impresso destes alunos, verificamos pouca ou quase nenhuma incidência das abreviações e/ou símbolos típicos da *Internet*. Os alunos demonstram habilidades para distinguir em quais momentos deve-se ou não fazer uso da linguagem virtual. Abaixo, registramos duas produções escritas dos alunos, Igor (13 anos) e Renata (11 anos), que foram observados anteriormente em um bate-papo *on-line*. Observamos que os mesmos não reproduzem em suas produções textuais os símbolos e códigos da *net*, e que os erros de concordância e gráficos, são provenientes de deficiências advindas do não domínio das normas gramaticais da Língua Portuguesa.



Além de analisar as produções escritas digitais e não digitais dos alunos, realizamos, também, entrevistas com trinta alunos que responderam a questões relacionadas: a) ao contato deles com o computador, b) aos *sites* mais utilizados por eles e c) ao que eles pensam sobre escrever na *Internet* e escrever textos em sala de aula.

Assim, e com base nos dados analisados, 81% dos alunos fazem usos do computador, inclusive da *Internet* em casa ou em *lan house*. Também verificamos que 48% dos alunos permanecem de 02 a 03 horas por dia utilizando interruptamente a *Internet*, e que, durante este período, eles acessam, em maioria, sites de relacionamento (*Orkut*) salas de bate-papo (*chat*) e jogos *on-line*. Para realização de consultas escolares, apenas uma minoria (12%) faz uso da Rede Mundial de Computadores com esta finalidade.

Quanto ao fato de como eles escrevem na *Internet* (*Internetez*) estar influenciando na produção de texto de sala de aula, 57% reconhecem que a escrita digital pode influenciar na produção do texto formal e 43% dos alunos entrevistados afirmaram o contrário dos primeiros, pois para o que afirmaram que a escrita digital não influencia a produção de texto de sala de aula é importante a pessoa atentar-se e ter



consciência de que não se deve utilizar a linguagem digital nas produções textuais formalmente sistematizadas em sala de aula.

Realizamos, também, nesta pesquisa, entrevistas com 08 professores que utilizam o laboratório de informática da escola para a realização de trabalhos pedagógicos escolares junto aos seus alunos. Com base nas respostas obtidas com os professores entrevistados, verificamos que todos eles fazem uso da *Internet* pelo menos 03 três vezes por semana e que os gêneros digitais mais acessados por eles na *Internet* são *e-mails* e *Orkut*.

### **Considerações Finais**

Ao concluirmos nosso estudo, cujo processo e resultados encontram-se no presente artigo, percebemos a complexidade que envolve o fenômeno letramento hiperdigital.

Primeiramente, porque o fenômeno letramento em suas diversas ramificações, ainda é pouco estudado e, portanto, pouco difundido no meio acadêmico. Muitos professores, principalmente da rede pública de ensino no Brasil, ainda desconhecem as teorias sobre o letramento digital. Assim, a falta de investimento na educação, em especial na capacitação inicial e continuada dos docentes pode disseminar, mais ainda, a discriminação ou, ainda, incentivar o uso inadequado das práticas de letramento digital.

No que tange ao trabalho empírico realizado junto aos professores e alunos da segunda fase do Ensino Fundamental de uma escola pública, verificamos que mesmo o letramento digital sendo cotidianamente utilizado pelos alunos, ele parece não influenciar significativamente a produção de textos formais em sala de aula. Percebemos, também, que os “erros” de escrita provenientes das produções digitais são típicos das limitações relativas à própria formação deficitária do aluno, sobretudo da área da Língua Portuguesa, especialmente pelo pouco incentivo que os alunos têm na realização de leituras impressas e virtuais, e não menos pelo hábito da utilização da escrita digital.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BOLTER, J. D. *Writing space: the computer, hypertext and the history of writing*. Hillsdale, N.J.: L. Erlbaum, 1991.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BUZATO, Marcelo E. K. *Letramento digital abre portas para o conhecimento*. EducaRede. Entrevista por Olivia Rangel Joffily. 23/01/2003.
- COSTA-DA\_NICOLACI, Ana Maria. (Org.). 1.ed. *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. São Paulo: PUC/Rio, 2006.260p.
- COSCARELLI, V. & RIBEIRO (Org.). 1.ed. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte-MG: CEALE/UFMG, 2005.248p.
- FREITAS, Maria Teresa de A. e COSTA, Sérgio Roberto. 2.ed. *Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 144p.
- KLEIMAN, Ângela B.(Org.). 1.ed. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LÉVY, Pierre. 2.ed. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.264p.
- \_\_\_\_\_. 2.ed. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.203p.

- \_\_\_\_\_. 3.ed. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Editora 34, 2000. 212p.
- SILVA, Ezequiel T. (Coord.). 1.ed. *A Leitura nos Oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003. 127p.
- SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 23, n. 81, 143-160 p., dez, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- TFOUNI, Leda V. 2.ed. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Cortez, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.